

Cristina Peri Rossi.  
**Solitário de amor**  
Alai Garcia Diniz (UFSC)

Além do título propositadamente banal, o enredo de Solitário de Amor não escapa aparentemente do clichê: relacionamento problemático entre homem-mulher em que as expectativas de um "não " encontram eco no outro numa situação plena de ambiguidade , já que a afetividade não está infiltrada pela resolução simplória do modelo tradicional.

E aí começa a descortinar o que parece ser o inusitado da obra. A narração em primeira pessoa por um protagonista anônimo sugere um jogo original em que uma escritora-mulher fala através de uma voz masculina. Uma crítica feminista mais radical poderia ver neste

procedimento a contraposição feminina à visão histórica das célebres heroínas criadas por escritores-homens.

A personagem feminina, Aída, (num eco de Verdi?) não é dependente financeiramente d'Ele ,nem aceitaria isso. Tem uma casa e à medida que o tempo avança ,Ele é quem vai se sentindo cada vez mais apaixonado e mais inseguro. Outros elementos desse Ele vão sendo apresentados para formar um grande enigma, que não nos cabe agora revelar.

A troca de papéis chama a atenção do leitor, pois, enquanto Ele se m o s t r a inseguro, apaixonado, carente ,possessivo e dependente dela, ela se apresenta segura, distante, decidida, independente e com vida

própria que nada tem a ver com a relação.

Quem busca estereótipos pode classificar o livro de estranho, se ficar na superfície do texto. No entanto a leitura que começa descompromissada, logo vai necessitar do leitor um maior engajamento para penetrar no universo da obra, uma vez que o tempo é psicológico e o narrador, à medida que se expõe interiormente num crescendo, vai, passo a passo, sendo desconstruído enquanto imagem social de homem.

A profusão de imagens eróticas umedece a leitura revelando um ponto de vista subjacente, digno de exploração no que se relaciona a uma matriz uterina.

"No amo sus olores, amo sus secreciones: el sudor escaso y salado que asoma entre ambos senos; la saliva densa que se instala en sus comisuras, como un pozo de espuma; la sinuosa bilis que vomita cuando está cansada; la oxidada sangre menstrual, con la que dibujo signos cretenses sobre su espalda..." (15)

Há trechos em que se tem a impressão de estar lendo a um Charles Bukowski ou a Jack Kerouac da geração "beat" americana, só que com um matiz distinto... o tom feminino do erotismo?

Nesta linha estão também digressões estritamente sensitivas em que as imagens vão passando de um para outro órgão de sentido numa viagem interior planejada a priori. Por isso tudo não me parece desconexo, formando

parte de uma leitura em que dois protagonistas, Aída e Ele fossem desdobramento de um único ser.

Quando lemos:

"Sólo desde mí la mirada ve lo que quiere ver, sin la traición de la lente, de la pluma, del sonido." (28 -grifo nosso)

Através dessa corrente de consciência, o narrador expõe a amplitude de sua "mirada" diz:

"Mi mirada (mi múltiple mirada: te miro desde el pasado remoto del mar y de la piedra... y desde mi parte de mujer enamorada de otra mujer...)" (13)

Enfim numa ambiguidade visionária se pode ir mais longe, quando se junta a isso um pouco da biografia de Cristina Peri Rossi.

Sendo uruguaia, nascida em 1941, passou a viver exilada na Espanha por 16 anos. Já conhecida na Europa por vários romances: EL LIBRO DE MIS PRIMOS (1969); LA NAVE DE LOS LOCOS (1984) ou livros de contos: LOS MUSEOS ABANDONADOS (1968); INDICIO S PÁNICOS (1980); LA REBELIÓN DE LOS NIÑOS (1980).

Apresentando fragmentos de um ser dividido:

"Camino sin rumbo, viajero extraviado en una tierra colonizada por otros. Me cuesta integrarme a la colmena, he perdido la identidad." (13)

A obra revela a sensação de exílio desse EU desconectado de uma função social.

Seria, então SOLITARIO DE AMOR o romance da ruptura inconciliável entre o ser (Aída) que tem

um nome ,uma casa ,um país  
e que decide recluir-se sem  
diálogo como um útero de  
mãe (pátria?) num eco  
trágico de Verdi ,e , o  
outro lado desse ser que é  
o que perambula sem  
identidade,cheio de  
crises,cuspido do país,  
fadado às intermináveis  
viagens,permeado de  
fantasmas e abandonado  
pelas ruas,parido após a  
Criação da obra?

Resenha do livro de Cristina  
Peri Rossi, Solitario de  
Amor, Barcelona, Grijalbo,  
1988.